

# QUE DIACHO! EU GOSTAVA DO MEU CUSCO

Alcy José de Vargas Cheuiche

Entendo. Envelheci entendendo.  
 Bicho não tem alma, eu sei bem,  
 mas será que vivente tem?  
 Que diacho! Eu gostava do meu  
 cusco.  
 Era uma guaipeca amarelo,  
 baixinho, de perna torta,  
 que me seguiu num domingo,  
 de volta de umas carreira.  
 Eu andava meio abichornado,  
 bebendo mais que o costume,  
 essas coisa de rabicho, de ciúme,  
 vocês me entendem, ele  
 entendeu.  
 Passei o dia bebendo  
 e ele ali no costado  
 me olhando de atravessado,  
 esperando por comida.  
 Nesse tempo era magrinho  
 que aparecia as costela.  
 Depois pegou mais estado  
 mas nunca foi de engordá.  
 Quando veio meu guisado,  
 dei quase tudo prá ele.  
 Um pouco, por pena dele,  
 e outro, que nesse dia,  
 só bebida eu engolia  
 por causa dos pensamento.  
 Já pela entrada do sol,  
 ainda pensando na moça  
 e nas miséria da vida,  
 toquei de volta prás casa  
 e vi que o cusco magrinho  
 vinha troteando pertinho,  
 com um jeito encabulado.  
 Volta prá casa, guaipeca!  
 Ralhei e ralhei com ele.  
 Parava um puco, fugia,  
 farejava qualquer coisa,  
 depois voltava prá mim.  
 O capataz não gostou,  
 na estância só tinha galgo,  
 mas o guaipeca ficou.  
 Botei o nome de sorro,  
 as crianças, de brinquinho,  
 mas o nome que pegou  
 foi de guaipeca amarelo.  
 Mas nome não é o que importa.  
 Bicho não tem alma, eu sei bem.  
 Mas será que vivente tem?

Ficou seis anos na estância.  
 Lidava com gado e ovelha  
 sempre atento e voluntário.  
 Se um boi ganhava no mato,  
 o guaipeca só voltava  
 depois de tirá prá fora.  
 E nunca mordeu ninguém!  
 Nem as índia da cozinha  
 que inticava com ele.  
 Nem ovelha, nem galinha,  
 nem quero-quero, avestruz.  
 Com lagarto, era o primeiro  
 e mesmo piquininho  
 corria mais do que um pardo.  
 E tudo ia tão bem...  
 Até que um dia azarado  
 o patrãozinho noivou  
 e trouxe a noiva prá estância.  
 Era no mês de janeiro,  
 os patrão tava na praia,  
 e veio um mundo de gente,  
 tudo em roupa diferente,  
 até colar, home usava,  
 e as moça meio pelada,  
 sem sê na hora do banho,  
 imagino lá no arroio,  
 o retoço da moçada.  
 Mas bueno, sou doutro tempo,  
 das trança e saia rodada,  
 até aí não tem nada,  
 que a gente respeita os branco,  
 olha e finge que não vê.  
 O pior foi o meu cusco,  
 que não entendeu, por bicho,  
 a distância que separa  
 um guaipeca de peão  
 da cachorrinha mimosa  
 da noiva do meu patrão.  
 Era quase de brinquedo  
 a cachorrinha da moça.  
 Baixinha, reboladera,  
 pêlo comprido e tratado,  
 andava só na coleira  
 e tinha medo de tudo,  
 por qualquer coisa acoava.  
 Meu cusco perdeu o entono  
 quando viu a cachorrinha.  
 E les juro que a bichinha  
 também gostou do meu baio.  
 Mas namoro, só de longe

que a cusca era mais cuidada  
 que touro de exposição.  
 Mas numa noite de lua,  
 foi mais forte a natureza.  
 A cedula tava alçada  
 e o guaipeca atrás dela  
 entrou por uma janela  
 e foi uma gritaria  
 quando encontraram os dois.  
 Achei graça na aventura,  
 até que chegou o mocito,  
 o filho do meu patrão,  
 e disse prá o Vitalício  
 que tinha fama de ruim:  
 Beneficia o guaipeca  
 prá que respeite as família!  
 Parecia até uma filha  
 que o cusco tinha abusado.  
 Perdão, le disse, o coitado  
 não entende dessas coisa.  
 Deixe qu'eu leve prá o posto  
 do fundo, com meu cumpadre,  
 depois que passá o verão.  
 Capa o cusco, Vitalício!  
 E tu, pega os teus pertence  
 e vai buscá seu cavalo.  
 Me deu uma raiva por dentro  
 de sê assim despachado  
 por um piazito mijado  
 e ainda usando colar.  
 Mas prometi aqui prá dentro:  
 mesmo filho do patrão,  
 no meu cusco ninguém toca.  
 Pego ele, vou m'embora  
 e acabou-se a função.  
 Que diacho! Eu gostava do meu  
 cusco.  
 Bicho não tem alma, eu sei bem.  
 Mas será que vivente tem?  
 Campiei ele no galpão,  
 nos brete, pelas mangueira  
 e nada do desgraçado.  
 No fim, já meio cansado,  
 peguei o ruano velho  
 e fui buscá o meu cavalo.  
 Com o tordilho por diante,  
 vinha pensando na vida.  
 Posso entrá numa comparsa,  
 mesmo no fim das esquila.  
 Depois ajeito os apero  
 e busco colocação,

nem que seja de caseiro,  
se nã me ajustam de peão.  
E levo o cusco comigo  
pois foi o único amigo  
que nunca negou a mão.  
Nisso, ouvi a gritaria  
e os ganido do meu cusco  
que era um grito de susto,  
de medo, um grito de horror.  
Toquei a espora no ruano  
mas era tarde demais.  
Tinham feito a judiaria  
e o pobrezinho sangrava,  
sangrava de fazê poça  
e já chorava fraquinho.  
Peguei o cusco no colo  
e apertei o coração.  
O sangue tava fugindo,  
não tinha mais esperança.  
O cusco foi se finando  
e os meus olho chorando,  
chorando como criança.  
Que diacho! Eu gostava do meu  
cusco.  
Bicho não tem alma, eu sei bem.  
Mas será que vivente tem?  
Nessa hora desgraçada  
o tal mocito voltou  
prá sabê pelo serviço.  
Botei o cusco no chão,  
passei a mão no facão  
e dei uns grito com ele,  
com ele e com o Vitalício!  
Ele puxô do revólver  
mas tava perto demais.  
Antes que a bala saísse,  
cortei ele prá matá.  
Foi assim, bem direitinho.  
Não tô aqui prá menti.  
É verdade qu'eu fugi  
mas depois me apresentei.  
Me julgaram e condenaram  
mas o pior que assassino,  
foi dizerem que o motivo  
era pouco prá o que fiz...  
Que diacho! Eu gostava do meu  
cusco.  
Bicho não tem alma, eu sei bem.  
Mas será que vivente tem?